

REFLEXÕES SOBRE A TRADUÇÃO NO BRASIL: UMA ANTOLOGIA

Aluna: Anna Olga Prudente de Oliveira
Orientadora: Marcia Amaral Peixoto Martins

Introdução

Nos anos 1990 começaram a surgir as primeiras antologias de reflexões ou teorizações sobre a tradução, como *Theories of Translation: An Anthology of Essays from Dryden to Derrida* [1] e *Western Translation Theory: From Herodotus to Nietzsche* [2]. No entanto, essas antologias, por serem publicadas por editoras norte-americanas e européias e trazerem seus textos em inglês, mesmo quando estes foram produzidos originalmente em outra língua, têm um caráter fortemente etnocêntrico e hegemônico, não contemplando teorizações formuladas em línguas ou sistemas culturais periféricos. É muito raro trazerem, por exemplo, textos produzidos originalmente em português, embora se saiba que desde o século XIV há teorizações sobre tradução em Portugal. Pode-se dizer, com base nesta e em outras evidências, que os estudos historiográficos que abordam teorizações sobre tradução não são apenas eurocêntricos, mas particularmente voltados para culturas e línguas européias hegemônicas.

Objetivos

O objetivo desta pesquisa, que deverá se realizar em mais de uma etapa, é reunir um conjunto representativo de reflexões sobre a tradução por parte de autores, tradutores e críticos brasileiros, com vistas a conhecer e divulgar o pensamento acerca dessa atividade produzido em nosso sistema cultural. Assim, estamos compilando um *corpus* de textos integrais ou fragmentos de textos de escritores, tradutores e críticos brasileiros que refletem sobre questões ligadas à tradução, tais como maneiras de traduzir, visões de tradução, conceitos básicos, possíveis fronteiras entre tipos de tradução, traduções indiretas vs. traduções diretas, relações assimétricas entre culturas fonte e alvo. Estão sendo contempladas questões como: Que ideias sobre tradução foram desenvolvidas no Brasil? Por quem foram elaboradas? Com que finalidade? De que forma foram apresentadas (pequenos textos, cartas, prefácios, posfácios, artigos, jornais ou revistas, conferências etc.)? Que impacto tiveram sobre a prática da tradução em nosso país? Acreditamos que a reunião de tal conjunto de textos pode contribuir para um melhor entendimento de como a tradução é vista, praticada e avaliada no Brasil e dos motivos que subjazem a esses caminhos de prática, além de pioneiramente apresentar e difundir discursos sobre a tradução produzidos em um sistema cultural e idioma não hegemônicos, propiciando-lhe assim condições de visibilidade.

Metodologia

Para reunir o *corpus*, examinamos edições de obras clássicas traduzidas para o português do Brasil em busca de paratextos, bem como livros, artigos, dissertações e teses que apresentem, reproduzam ou discutam pensamentos de tradutores, autores e críticos.

Conclusões

O escopo da pesquisa é bastante amplo – desde José de Anchieta até os dias de hoje, embora nessa primeira fase tenhamos nos concentrado em alguns tradutores do século XIX e primeira metade do século XX: Nísia Floresta, Odorico Mendes, Machado de Assis e Monteiro Lobato. Conseguimos localizar reflexões sobre tradução dos três últimos autores citados, que serão resumidas a seguir.

Odorico Mendes traduziu em versos decassílabos a epopéia homérica (*Ilíada* e *Odisséia*) e a obra de Virgílio (*Bucólicas*, *Geórgicas* e *Eneida*). Encontramos comentários do tradutor sobre suas escolhas tradutórias em suas notas na *Eneida Brasileira* [3] e em prólogo à tradução da *Ilíada* [4]. Nessas reflexões, ele diz que considera a concisão e o poder de síntese um aspecto relevante na tradução e que realiza, em seu processo tradutório, uma busca pela variação lexical, para não repetir palavras quando o original apresenta termos distintos e até mesmo para imprimir uma variação lexical que não está presente no original. Odorico Mendes ressalta ainda a importância de um profundo conhecimento da língua para a qual se traduz: o tradutor deve ser um estudioso de sua língua para não ter qualquer dificuldade em termos de vocabulário. Em *Para traduzir o século XIX: Machado de Assis* [5], encontramos fragmentos de textos de Machado de Assis sobre tradução e a crítica que o escritor fazia acerca dos tradutores dramáticos de sua época. As reflexões de Monteiro Lobato sobre tradução são encontradas em *A Barca de Gleyre* [6], obra que reúne as cartas escritas por Lobato ao amigo Godofredo Rangel ao longo de mais de 40 anos de correspondência entre os dois. Enquanto tradutor e editor, Lobato afirmava ser favorável à simplificação da linguagem, a adaptações que aproximassem o texto do público leitor brasileiro; ele dizia não se prender à forma do original, mas ao conteúdo, e colocava-se contra uma linguagem rebuscada, ou ao que chamava “excesso de literatura”.

Resultados parciais da pesquisa já foram relatados em 2010 em dois eventos acadêmicos internacionais. Na 6th Conference on Translation Studies – International Conference on Translation in 19th- and 20th-century Anthologies and Collections, realizada em Lisboa, Portugal, em 6-7 de maio, o trabalho "Anthologizing Brazilian Discourse on Translation" integrou a mesa-redonda "Non-Literary Anthologies", e no V Congresso Ibero-Americano de Tradução e Interpretação (V CIATI), que ocorreu em São Paulo, SP, de 17 a 20 de maio, foi apresentada a comunicação "Quando uma tradução não é uma tradução: o caso de Nísia Floresta".

Referências

- [1] SCHULTE, Rainer e Biguenet, Jean (org.). **Theories of Translation: An Anthology of Essays from Dryden to Derrida**. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1992.
- [2] ROBINSON, Douglas. **Western Translation Theory: From Herodotus to Nietzsche**. Manchester, England: St. Jerome, 1997.
- [3] VIRGÍLIO. **Eneida Brasileira**. Trad. Odorico Mendes. Campinas: Ed. da Unicamp, 2008.
- [4] HOMERO. **Ilíada**. Trad. Odorico Mendes. (manuscrito do Acervo Histórico do Museu Imperial de Petrópolis: maço 47 - Doc.1077 - Cat.B)
- [5] FERREIRA, Eliane F. C. **Para traduzir o século XIX: Machado de Assis**. São Paulo: Annablume: Rio de Janeiro: ABL, 2004.
- [6] LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1951.